

EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"
Revista do Instituto Politécnico da Guarda

Director: **João Bento Raimundo**

Redacção: **Rua Comandante Salvador do Nascimento**
TeL 21634/23662 6300 GUARDA

Propriedade: **Instituto Politécnico da Guarda**

Execução Gráfica: **Secção de Reprografia do IPG**

Depósito Legal Nº **17.891/87**

Reprodução total ou parcial proibida

Nº VII / Janeiro de 1991

PROGRESSO POR OBJECTIVO

O sétimo número de "*Educação e Tecnologia*" coincide com o início de mais um ano lectivo, o mesmo é dizer, com uma nova fase do Instituto Politécnico da Guarda. Nova, porque o Instituto Politécnico da Guarda cresceu em número de cursos, de alunos e professores, aumentando as exigências, qualitativas e quantitativas. Enfim, o Instituto Politécnico lançou já os seus primeiros diplomados.

Hoje são já umas dezenas; o amanhã, que é breve, os fará crescer.

Isto significa que a nossa Instituição é posta à prova em termos práticos.

Estamos a desenvolver uma formação que dê aos nossos jovens uma realização académica a par das exigências da sociedade moderna; que da justaposição de ambas surja uma adequação o mais perfeita possível à resposta interior do indivíduo no campo do estar, do fazer, do ter, do ser.

O espaço de diálogo, de abertura, de confronto de ideias, de registo de experiências que vem constituindo "*Educação e Tecnologia*", ficaria incompleto se nele não viessem a tomar lugar também aqueles que primeiro motivaram a sua existência.

Bem-vindos serão, também, os registos de quantos, como empregadores, vão testar, no terreno, o que laboriosamente proporcionámos que se ajustasse às solicitações de uma produção eficaz e digna.

Quisemos dar mais oportunidades ao nosso Distrito - por isso existimos como Instituição de Ensino Superior. Quisemos dar mais oportunidades à juventude - por isso aumentámos o número de vagas e de cursos, apostámos na qualidade e formação do corpo docente, continuamos a melhorar as instalações. Queremos dignificar o ensino e engrandecer o País - dialogar, modificar, adequar.

Parafrazeando A. Comte:

"Amor por princípio / Competência por base / Progresso por objectivo".

João Bento Raimundo
Presidente da C.I. do I.P.G.

GARCIA DE RESENDE: Um repórter na actualidade

Helder Sequeira^(*)

Os "mass media" têm, na actualidade, uma acção de fundamental importância, acentuada ainda mais pelo progresso ao nível das modernas tecnologias.

Comunicar e informar é hoje cada vez mais importante e as sociedades, ditas civilizadas, estão cada vez mais dependentes da comunicação social, que vai modelando comportamentos e afirmando-se como um contra-poder.

A transformação do quadro político, social e económico do mundo actual sublinha o papel dos "media", que nos aproximam, quotidianamente, dos acontecimentos e factos, quer ocorram na cidade ou região onde habitamos, quer aconteçam no Iraque, na China ou outros lugares geograficamente afastados.

Recuando nos séculos, e efectuadas as necessárias abstracções de tempo e espaço, encontramos algumas similitudes no período a que se circunscreve este trabalho.

Com vários séculos de permissão, é possível encontrar algumas semelhanças entre o passado e o presente, e isto sem ser necessário argumentar com Marc Bloch, quando refere que "*a incompreensão do presente nasce, fatalmente, da ignorância do passado*"⁽¹⁾.

O registo dos factos e dos acontecimentos passa, no período que estamos a abordar, pela acção dos Cronistas, entre outros. Surgem, aí, esboços de alguns géneros jornalísticos, entre os quais poderemos evidenciar a crónica e a reportagem.

Feitas as imprescindíveis e lógicas reservas, Garcia de

(*) - Coordenador Editorial da Revista "Educação e Tecnologia"

(1) - Bloch, Marc, in "Introdução à História"

Resende é bem o protótipo de um repórter na actualidade.

Figurando na galeria dos nossos cronistas, Garcia de Resende ocupa um lugar bem demarcado na cultura portuguesa do século XVI.

"Nele se conjugam vários tipos de mentalidades que definem a franja temporal que separa a Idade Média e o Renascimento"(2).

E se o jornalista é, para alguns autores, o historiador da actualidade, Garcia de Resende desempenhou na sua época um destacado papel e dela nos deixou importantes contributos sobre acontecimentos, vivências e facetas de personalidades que se projectaram na nossa História.

O autor da *Crónica de D. João II* foi um dos primeiros autores a apreender a mudança e, sobretudo, a alvorada de um novo tempo histórico.

Resende, com o seu estilo e com os meios de então, deixou-nos um trabalho de certo modo singular, sobre uma época em transformação cujas consequências não eram ainda previsíveis.

Como escreveu Veríssimo Serrão, Garcia do Resende "*foi espectador da alegoria composta por monarcas, navegadores, banqueiros, humanistas e comerciantes da Europa e que tão profundamente alterou a face do Cosmos*"(3). Por outro lado, e como refere ainda o autor atrás citado, Garcia de Resende "*soube captar o processo histórico-cultural da formação do Renascimento e da linha de encontro desse movimento com a expansão europeia*"(4). Desse modo, teve assim "*consciência, em termos modernos, de assistir a uma revolução nas coisas e nos espíritos*".

Era a época das "*novas novidades*", na expressão de Garcia de Resende.

Na *Miscelânea* de Garcia de Resende surgem, no dizer do editor, "*variedade de histórias, costumes, casos e cousas que em seu tempo aconteceram*"(5).

Garcia de Resende desempenhou o seu papel de repórter lúcido, consciente de que "*quem deixa perder tempo nunca mais o pode cobrar*"(6). Daí que se tenha empenhado em "*recolher à memória as muitas e grandes cousas que em nossos dias passaram e as novas novidades*"(7).

E essas "*novas novidades*" reportam-se, nomeadamente, à *miscelânea* de costumes e culturas, proporcionada pelos descobrimentos. São, de facto, quadros onde não faltam os traços

(2) - Serrão, Veríssimo, in Introdução à "*Crónica de João II e Miscelânea*", Ed. da Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1973, p. XI

(3) - Ob. cit., p. XIII

(4) - Ob. cit., p. XIV

(5) - Resende, Garcia de, "*Crónica de D. João II e Miscelânea*", Editora Lisboa, 1902, p. 135

(6) - p. 135

(7) - p. 135

de comportamentos que antagonizavam com os padrões morais portugueses.

*Há outras tão desviadas,
muito perto d' estas taes,
que sendo mui bem casadas,
honradas e abastadas,
são a todos mui geraes ⁽⁸⁾:
lançam-se com quantos querem
sem lhe os maridos tolherem
quantos querem escolher,
deixam-lhes tudo fazer
sem lhes nada reprimirerem⁽⁹⁾.*

Mas ao olhar atento e à pena sempre pronta de Resende não escapou também a expulsão dos judeus de Castela e as subsequentes consequências no reino português.

*Os judeus vi cá tornados
todos n' um tempo christãos⁽¹⁰⁾,
os mouros então, lançados
fôra do reino, passados,
e o reino sem pagãos:
vimos synogas, mesquitas,
em que sempre eram ditas
e prégadas heresias,
tornadas, em nossos dias,
igrejas santas, bemditas.*

*Vimos a destruição
dos judeus tristes, errados,
que de Castella lançados
foram, com gran maldição
ao reino de Fez passados;
de mouros foram roubados,
deshonrados, aviltados,
que filhos, filhas e mães
lhes incestavam esses cães,
moças e moços forçados.*

[8] - No Malabar

[9] - Cf. op. cit., p. 166

[10] - No ano de 1497, por D. Manuel

*Vimos grandes judiarias,
judeus, guinolias e touras,
tambem mouras, mourarias,
seus baillos, galantarias
de muitas formosas mouras;
sempre nas festas reaes
se nos dias principaes
festa de mouros havia,
tambem festa se fazia
que não podia ser mais.*

*Vi que em Lisboa se alçaram
povo batxo e villãos
contra os novos christãos,
mais de quatro mil mataram
dos que hoiveram as mãos⁽¹¹⁾;
uns d' elles, vivos queimaram,
mentnos despedaçaram,
fizeram grandes cruezas,
grandes roubos e vilezas
em todos quantos acharam⁽¹²⁾.*

Mas segundo Garcia de Resende a justiça régla não tardou e "muitos foram justificados".

*Estando só a cidade
por morrerem muito n' ella,
se fez esta crueldade;
mas el-rei mandou sobr' ella
com mui grande brevidade;
muitos foram justificados,
quantos acharam culpados,
homens baixos e bargantes,
e dois frades observantes,
vimos por isso queimados.*

*El-rei teve tanto a mal
a cidade tal fazer,
que o título natural
de nobre e sempre leal
lhe trou e fez perder;
muitos homens castigou
e officios tirou;
depois que Lisboa viu
tudo lhe restituiu
e o título lhe tornou.*

(11) - A 20 de Abril de 1506, em dia de Pascoela

(12) - Cf. op. cit., p. 186

*Um frade pobre, humilhado,
vimos tão alto erguer
que o grão arcebispado
de Toledo lhe foi dado
primeiro de nada ter,
e logo foi cardeal
e senhor tão principal,
governador de Castella,
que morreu como rei d' ella,
tomou Oram sendo tal⁽¹³⁾.*

O impacto dos Descobrimentos na capital do Reino traduziu-se, segundo o nosso cronista, ou repórter de então, no aumento populacional e na construção de novos e sumptuosos edifícios; disso nos deu conta na sua obra.

*Lisboa vimos crescer
em povos e em grandeza,
e muito se enobrecer
em edificios, riqueza,
em armas e em poder;
porto e tracto não há tal,
a terra não tem igual
nas fructas, nos mantimentos;
governo, bons regimentos
lhe fallecem, e não ai⁽¹⁴⁾.*

Mas as descobertas trouxeram outras importantes transformações ao nível social e económico, que Resende subtilmente critica noutra das passagens da sua Miscelânea.

*Vimos muito espalhar
portugueses no viver,
Brasil, ilhas povoar
e as Indias ir morar,
natureza lhe esquecer;
vemos no reino metter
tantos captivos crescer
e trem-se os naturaes,
que, se assim fôr, serão mais
elles que nós, a meu vêr⁽¹⁵⁾.*

(13) - Cf. op. cit., p. 186

(14) - Cf. op. cit., p. 200

(15) - Cf. op. cit., p. 200-201

Aliás, para Resende, esta transformação estrutural não deixa de lhe acentuar algumas preocupações em torno do enfraquecimento do Reino, da proliferação de oportunismos e da perda dos bons costumes.

*Vi grandes perdas no mar
mãs novidades na terra,
muitas mudanças no ar,
nos verãos, no invernar
vemos já também que erra;
pão, carne, fructas e vinho
e os pescados marinhos,
azeites, e todo o al
se nos vae de Portugal
e não sei por que caminhos.*

*Vimos os mui comedidos
não lembrarem se nasceram,
e os mui entremettidos
vimos em cousas mettidos
que elles nunca mereceram;
vimos muito mais valer,
mais medrar, mais rico ser
os mui importunadores
que os grandes servidores
que acertam vergonha ter.*

*Vemos poucas amizades,
se as há são com respetos,
vemos odios, imisades,
vemos parcialidades
secretas por seus proveitos;
officiaes e privados
vemos ser mui aguardados,
mil amigos na bonança,
se lhes fallece a pruança
logo são desamparados.*

*Vimos os escrupulosos
poucas vezes acertar,
e os muito rigorosos
serem pouco piedosos
e mui maus de conversar;
vimos bêbados, gulosos,
tafues e luxuriosos
não olhar mais que o presente,*

*acabarem pobremente,
entrevados e gottosos⁽¹⁶⁾.*

O esplendor e a riqueza impressionaram Resende, segundo o qual as receitas régias deixaram para trás o magro rêdito de sessenta contos, atingindo os escalões de "duzentos milhões de reais", e aqui não entrava a totalidade dos territórios sob bandeira portuguesa.

*A côrte de Portugal
vimos bem pequena ser,
depois tanto enobrecer
que não há outra igual
na christandade, a meu vêr,
tem cinco mil moradores
em que entram muitos senhores
a que el-rei dá assentamentos,
moradias, casamentos,
tenças, mercês e honores.*

*O reino vimos valer
sessenta contos, não mais
as rendas tanto crescer
que agora o vëmos render
duzentos milhões de reaes,
India e Mina não entrando,
que estas duas, assomando
os gastos e os proveitos,
duzentos contos bem feitos
rendem forros, navegando.*

*A veadores da fazenda
vi um contrato fazer
que bem se pôde dizer,
sem n' isso haver contenda,
outro tal nunca se vêr:
cenderam junto em um dia
em drogas, especiaría,
setecentos mil cruzados;
outros lhe vi contratados
de pouco menos quantia⁽¹⁷⁾.*

Para além disso, Resende foi mais longe e as suas deslocações ao estrangeiro, permitiram-lhe dar-nos o seu relato acerca de algumas das grandes figuras europeias da época e dos

(16) - Cf. op. cit., pp. 208-209

(17) - Cf. op. cit., pp. 230-231

acontecimentos a que estiveram ligadas. Dai que não lhe escapem as guerras de Francisco I com Henrique VIII, o saque de Roma por Carlos V ou a reforma luterana.

A "Miscelânea" de Garcia de Resende pode ser vista como uma série de crónicas de cuja sequência resulta um importante testemunho para o conhecimento de questões ligadas quer com a política, quer com economia, comércio e sociedade portuguesa de então.

Por outro lado, Resende reteve, na sua obra, os valores ideológicos dessa época, que é possível conhecer mercê do seu labor, onde a história se combina com algumas feições literárias, e descreve muitos dos acontecimentos do século XVI.

O autor da "Crónica de D. João II" foi, por outro lado, um inovador ao efectuar o "*primeiro traçado psicológico em matéria cronística*" em torno da figura do Príncipe Perfeito, monarca a que dedicava uma grande estima, aliás correspondida segundo Resende: "*...um dia estando elle escrevendo para El-Rei de Castella, e eu só com elle no escriptorio, por eu vêr ser cousa de muita substancia estava com o rosto virado para outra parte, e elle querendo a pena, quando me viu estar virado disse: — Vira-te para cá, que se me não fiasse de ti não te mandaria estar ahí, e porêr isto não te dê presumpção, senão vontade para melhor servir e ser melhor enstnado. E eu lhe bejei a mão, de que elle mostrou folgar, e dava a outros e a mi tantos e bons enstnos, que nunca houve pae que os taes dêsse, e elle me ensinou as horas pelo norte, e assi outras cousas que por lhas eu então não merecer quiz Deos que agora lhas servisse em escrever sua vida, e contar suas virtudes. (...)*"

E porque eu começava de tanger bem me mandava ensinar, e me ouvia muitas vezes na sesta, e de noite na cama, e me gabava tanto e tantas vezes, que eu não cuidava em outra cousa senão em servir e aprender"⁽¹⁸⁾.

Esta familiaridade ficou também expressa na morte de D. João II, quanto Resende se inclui no conjunto de fidalgos e conselheiros que assistiram aos últimos momentos do Monarca: "*... e na derradeira com o nome de Jesus na boca, com grandíssima devoção dizendo: - Agnus Dei, qui tollis pecata mundi, miserere mei, lhe sahio a alma da carne domingo em se querendo pôr o sol, vinte e cinco dias de Outubro do anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quatrocentos e noventa e cinco, em idade de quarenta annos e seis mezes*"⁽¹⁹⁾.

Resende fixou, depois, para a posteridade, os actos subsequentes à morte de D. João II, "*o primeiro que ordenou o descobrimento da Índia*", na expressão do cronista.

"Esteve assi morto com o rosto descuberto mais de uma hora

(18) - Cf. op. cit., "Crónica de D. João II", cap. CCI, p. 57

(19) - Cf. op. cit., p. 76

até de todo ser frio, e enquanto o concertavam e amortalhavam muito limpamente para o meterem na tumba, os principaes que ahí estavam tiraram de um cofre o seu testamento que logo abriram, e Ruy de Pina o leu perante todos, e se achou nelle que deixava ao duque seu primo por verdadeiro herdeiro d' estes reinos e senhorios, e o declarou por Rei d' elles, encomendando-lhe muito com palavras de grande amor e muita obrigação o senhor D. Jorge seu filho, a que deixou feito duque de Coimbra e senhor de Montemór-o-Velho, com as villas que tinha o Infante D. Pedro seu visavô⁽²⁰⁾.

Garcia de Resende é, de facto, um cronista em cuja obra estão inscritos traços que podem ser entendidos como semelhantes à forma de hoje se apresentarem alguns géneros jornalísticos, em termos de reportagem ou da crónica. O jornalista retém a actualidade. Garcia de Resende preservou a sua actualidade em textos onde surgem elementos de indiscutível interesse para a compreensão dos problemas, das motivações ou dos rumos da sociedade quinhentista.

A "Miscelânea", sobre a qual foi já escrito que "tem a grandeza de um testamento", vale como trabalho de um "enviado especial" no período a que nos estamos a circunscrever. Trabalho que é ainda mais realçado se tivermos em conta o actual contexto mundial⁽²¹⁾ onde se geram incertezas e se perspectivam rumos novos em diferentes níveis.

Com outros objectivos gerais subjacentes, a Miscelânea, sobretudo, feitas as necessárias abstracções do estilo e considerado o enquadramento temporal, contém já o embrião de um género que hoje se afirma nos "mass media".

E aqui é de assinalar a importância que a imprensa dita regional tem na divulgação de estudos ou trabalhos que muitas vezes, pela sua saída em publicações de especialidade ou com uma linguagem menos acessível ao grande público, não têm a receptividade desejada, nem funcionam como agentes de formação e sensibilização dos leitores.

A análise desta problemática e a sua apresentação na comunicação social de âmbito local ou regional será, sem dúvida, um eminente contributo para o desenvolvimento cultural destas regiões e incentivo a novas investigações, nas mais diversas áreas ligadas com a nossa História e Património.

Com este modesto trabalho, se por um lado pretendemos chamar a atenção para um tema novo, queremos deixar uma referência ao contributo que a comunicação social de âmbito regional pode ter na divulgação da nossa cultura, na preservação da nossa própria identidade e, simultaneamente, realçar a necessidade de ampliar o estudo desta temática.

[20] - Cf. op. cit., pp. 78-79

[21] - Este texto serviu de base à comunicação apresentada no I Encontro Nacional "Os Descobrimentos e a os Cronistas", realizado na Guarda a 29 e 30 de Novembro de 1990.